



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10834 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 07 - Alfabetização, Leitura e Escrita

CADERNOS ESCOLARES DE ALUNOS (1937-2015): O USO DE DIFERENTES TIPOS DE LETRAS NA FASE INICIAL DA ESCOLARIZAÇÃO

Alessandra Amaral da Silveira - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

CADERNOS ESCOLARES DE ALUNOS (1937-2015): O USO DE DIFERENTES TIPOS DE LETRAS NA FASE INICIAL DA ESCOLARIZAÇÃO

Escrever é uma tarefa complexa que exige habilidades específicas, as quais necessitam do controle das mãos, dos braços, dos olhos, enfim, de praticamente todo o corpo. Adultos letrados, praticamente, não pensam em todo o processo que implica traçar letras, pois isso já se tornou uma atividade mecânica no seu cotidiano. Isso ocorre, menos ainda quando se trata em relação aos tipos de letras que utilizam em suas escritas, pois provavelmente, já definiram qual acham ideal ou se sentem mais confortável em traçar. No entanto, os tipos de letras a serem utilizados pelos sujeitos, principalmente no espaço escolar, é um debate histórico, com diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. A discussão acerca dos tipos de letras (cursiva, imprensa minúscula e imprensa maiúscula) nos primeiros anos de escolarização da educação formal acaba sendo recorrente na comunidade escolar, o que ocorre independente de seu tempo histórico. O debate no qual está vinculada a temática da alfabetização acaba (re)surgindo e coloca em evidência qual tipo de letra é considerada a mais ideal a ser utilizada com os educandos que ingressam na escola, seja na Educação Infantil ou nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Tal discussão foi localizada na segunda metade do século XX, em autores como Santos (1953, 1957), D'Ávila (1955), Fontoura (1963) que apresentaram em seus manuais pedagógicos orientações e sugestões sobre o uso de determinado tipo de letra para os alunos que iniciavam a escolarização. Mais recentemente, Cagliari e Cagliari (1999), Morais (2012), Soares (2001, 2016) são autores que recorrentemente problematizam a temática dos tipos de letras, principalmente, no processo de alfabetização. Isso demonstra, que a discussão em torno dos tipos de letras é atemporal no campo da educação, pois está envolvida em relações de poder que se consolidam no espaço escolar. Para estudar o tema dos tipos de letras foram

analisados 489 cadernos de alunos utilizados nos primeiros anos de escolarização, que demonstram que, ao longo do período de 1937 a 2015, houve mudanças e permanências acerca do tipo de letra a ser utilizada pelos estudantes. Os cadernos de alunos que foram utilizados no estado do Rio Grande do Sul, referentes ao período inicial do ensino da escrita e da leitura, são as fontes principais que compuseram a pesquisa aqui apresentada e estão salvaguardados no centro de memória da região sul. Para compreender as discussões em torno dos tipos de letras foram consultadas e analisadas como documentos complementares manuais pedagógicos, exemplares da Revista do Ensino/RS, a literatura relacionada à revolução conceitual da alfabetização (FERREIRO; TEBEROSKY, 2007 e GROSSI, 1990) e às políticas curriculares e programas de formação docente e alfabetização. A metodologia empregada na pesquisa supõe uma operação historiográfica (CERTEAU, 1982), inserida na relação de dois campos de conhecimentos: o da história da alfabetização e o da pesquisa sobre/com cadernos escolares. Certeau (1982) define a operação historiográfica como uma produção do pesquisador que associa um lugar (social) com diferentes metodologias/procedimentos de análises (práticas) e a construção de uma escrita. Estudar os cadernos é reconhecer que a história se faz a partir dos vestígios considerados mais banais produzidos por sujeitos comuns na escola (HÉBRARD, 2000). Segundo os estudiosos, Mignot (2008), Viñao (2008), Gvirtz (1996), entre outros, os cadernos escolares são artefatos da cultura material escolar que registram muitas das propostas pedagógicas desenvolvidas na sala de aula, entre elas os procedimentos adotados pelas professoras no desenvolvimento de determinadas atividades, sendo assim, em suas páginas são evidenciadas muitas das propostas planejadas pela docente e executadas pelos estudantes. Para compreender quais discussões estavam em torno do ensino da escrita manuscrita escolar, recorreu-se ao conceito de cultura gráfica (PETRUCCI, 1986, 1999; HÉBRARD, 2000; CHARTIER, R., 2002). Esse conceito, além de supor o ensino e a aprendizagem do traçado de diferentes tipos de letras, pressupõe a apropriação de normas e competências estipuladas por diferentes perspectivas sociais, pedagógicas e políticas que estabelecem, hierarquizam e classificam quais saberes devem prevalecer e são legitimados. Conforme Chartier R. (2002, p. 83), “[...] a reconstituição da cultura gráfica pode ser micro-histórica e apreender, para um período mais limitado e a um só lugar, a totalidade das produções e das práticas da escrita”. A partir desse conceito é possível compreender que a presença, a permanência, o enfraquecimento e/ou desaparecimento de um tipo de letra está articulado a discussões vigentes e/ou sujeitos influentes que colaboraram na sua defesa ou no seu desuso. O objetivo da pesquisa foi fazer um mapeamento das letras usadas nas classes de alfabetização de diferentes escolas gaúchas ao longo de 78 anos, se houve mudanças e/ou permanência ao longo das décadas. A tese que buscou-se defender demonstrou a presença de diferentes tipos de letras e que o ensino de uma ou de outra tipologia implica estar imersos em embates e debates, pois está para além de apenas querer

ensinar as crianças que ingressão no processo de escolarização a traçar diferentes tipos de letras é um projeto de sociedade que visa a produção de sujeitos que se encaixem e/ou correspondem ao que se almeja em cada tempo e espaço, desde sujeitos disciplinados, ágeis (modelos caligráficos) até ativos e protagonista das suas ideias e ações (ideias construtivistas). A periodização estabelecida na pesquisa foi de 1937 a 2015, sendo assim, pode-se afirmar que se trata de um longo momento em que se passou por diversos e importantes períodos do desenvolvimento da educação e da sociedade. Ao estudar todo esse período foi possível afirmar que houve mudanças de perspectivas que alteram as orientações e prescrições para o ensino do tipo das letras no Brasil, fosse: (i) por discussões vinculadas aos modelos caligráficos, de ordem mais motora e técnica baseada, principalmente, em concepções higienistas (FARIA FILHO & VIDAL, 2000); (ii) em decorrência do surgimento das tecnologias como, por exemplo, a expansão do uso da máquina de escrever nos anos de 1950 (PERES, 2003); (iii) pelo advento do chamado construtivismo, com a divulgação das teorias da psicogênese da língua escrita (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985); (iv), pela popularização, mais recente, do uso de computadores nas escolas; (v) ou, ainda, em virtude das políticas públicas educacionais para as classes de alfabetização, como o PNAIC (2012), por exemplo. Esses cinco aspectos demarcados, de certa maneira, recolocaram o debate e revelaram que haviam concepções sobre o ensino dos tipos de letras, no processo inicial de escolarização, que historicamente se diferenciaram. Em cada um desses momentos, teve-se profissionais que defenderam e justificaram o tipo mais adequado de letra a ser ensinado às crianças, a ser utilizado no processo de alfabetização, desde os modelos caligráficos (com ênfase para a letra cursiva), ao uso da *script* (imprensa minúscula, fôrma minúscula), chegando às orientações atuais que preconizam o uso da letra imprensa maiúscula, mas ainda associada à cursiva. Cabe salientar que esses momentos não foram sucessivos e contínuos, ou seja, não significa que um deu lugar ao outro de maneira linear. Muitas vezes, eles foram concomitantes e cercados por disputas pedagógicas e sociais para alcançarem a predominância na escola. Sobre cada tipo de letras localizada nos cadernos dos alunos chegou-se aos seguintes resultados: 1) o tipo de letra cursiva (1937 a 2015) teve uma presença significativa tanto cronológica quanto quantitativa na pesquisa. Em relação a questão cronológica destaca-se que a letra cursiva esteve presente em praticamente todos os anos que contemplaram este estudo, sendo que em determinados períodos de maneira ininterrupta e exclusiva em um conjunto significativo de cadernos. A questão quantitativa ganha força, portanto, justamente pelo fato de estar presente em uma parcela significativa dos cadernos, sendo que muitos deles de maneira exclusiva, ou seja, a letra do tipo cursiva foi usada unicamente em todas as páginas do mesmo caderno. A letra do tipo cursiva foi a primeira a aparecer nos cadernos dos alunos e sua hegemonia se mantém até por volta dos anos 2000. No entanto, até essa data foi possível encontrar além de cadernos com a sua exclusividade, cadernos classificados com a concomitância da

cursiva com as outras letras. Inicialmente a simultaneidade da letra cursiva com a letra *script* e/ou imprensa simplificada, imprensa minúscula (1940), em outro momento com as tipologias imprensa minúscula e imprensa maiúscula (1990). Um primeiro período identificado como de exclusividade de uso da letra cursiva (1937 a 1943) ocorreu sobre as fortes discussões dos modelos caligráficos (VIDAL & ESTEVES, 2003; FARIA FILHO, 1998, VIDAL & GVIRTZ, 1998) e todas suas máximas em prol do melhor ensino da escrita aos sujeitos escolarizados, esse que deveria contemplar e aprender a elegância, a rapidez e a legibilidade. Nesses períodos de exclusividade da letra cursiva não se tem a pretensão de dizer que as discussões pautadas nos modelos caligráficos desapareceram do espaço escolar, mas compreender que de certa maneira outros debates começaram a ganhar força como, por exemplo, a *flexibilização da escrita* (MAGALHÃES, 2005). Esse conceito indica certo consentimento em relação ao traçado da escrita do estudante mesmo que ele não seja tão perfeito ou dentro dos modelos caligráficos, como era incentivado em outros tempos. Ainda sobre o tipo de letra cursiva, no decorrer dos anos 2000 ela começa a não ser mais usada com tanta frequência de forma exclusiva nos cadernos dos alunos do acervo consultado, principalmente nas turmas de primeiro ano de escolarização, nesse momento ela acaba dividindo espaço, normalmente com a letra imprensa maiúscula (FERREIRO & TEBEROSKY, 2007; GROSSI, 1990). Nota-se que com a implementação do ciclo de alfabetização (PRÓ-LETRAMENTO, 2008; PNAIC, 2012) a letra cursiva passa a ser menos recorrente nos cadernos dos alunos que ingressam na escola na primeira etapa da alfabetização, percebe-se assim, que ela vai perdendo a força gradativamente nos cadernos do primeiro ano, porém nos cadernos do segundo e terceiros anos de escolarização ela ainda apresenta uma forte presença. Dessa maneira, os cadernos consultados e que produziram os dados sobre a tipologia da letra cursiva demonstram que as orientações e sugestões localizadas na literatura da época que tratava da revolução conceitual da alfabetização, quanto nas políticas públicas para alfabetização foram sendo apropriadas pelas professoras e professores com o passar dos tempos, pois a recomendação mais contundente era para usar o tipo de letra cursiva somente quando os alunos já estivessem em um nível alfabético ou se apropriado do sistema de escrita alfabética, e possivelmente por isso ela foi deixando de ser usada no primeiro ano de escolarização. 2) A segunda tipologia que emergiu a partir da análise dos cadernos dos alunos foi a *script/imprensa simplificada*, imprensa minúscula, primeiro de forma concomitante, em 1949, posteriormente de forma exclusiva, para os anos de 1960 e 1970. Ela que inicialmente apareceu dividindo espaço com a letra cursiva, logo ganhou a exclusividade em alguns cadernos de alunos. No entanto, cabe recapitular que no momento inicial da sua presença nos cadernos dos alunos havia uma discussão forte no estado do Rio Grande do Sul em defesa da sua inserção no espaço escolar (PERES, 2003), isso foi localizado nos comunicados do Centro de Pesquisas e Orientação Educacional CPOE e também na Revista do Ensino e seu uso pode ter

perdido força devido ao encerramento das atividades do referido centro e de mudanças na compreensão do processo de alfabetização. Outro dado destacado é que nessa ocasião a nomenclatura mais usual era letra *script* ou imprensa simplificada, o que as diferenciava, no caso gaúcho, eram fundamentalmente os traçados das letras “a” e “g”. O tipo de letra imprensa minúscula volta a fazer parte dos cadernos dos alunos nos anos de 1990, porém a partir de agora, em nenhum momento de maneira exclusiva e sob outra configuração, diferente dos anos de 1960. Ela, quando localizada, divide os espaços do caderno com a letra cursiva e em outros com a letra cursiva e imprensa maiúscula juntas. O tipo de letra imprensa minúscula se mantém nos anos 2000 e até o período final da pesquisa, sendo que além das concomitâncias anteriores a partir de 2007 foram localizados cadernos em que foram utilizadas as letras imprensa maiúscula e imprensa minúscula originando assim uma nova configuração gráfica. 3) O tipo de letra imprensa maiúscula, essa que foi aos poucos ganhando força no conjunto de cadernos pesquisados. Inicialmente é usada com pouca expressividade e principalmente para chamar atenção ou para dar destaque a alguma informação na página do caderno. Nos anos 1990 emerge em concomitância com os outros tipos de letra cursiva e imprensa minúscula, mas ainda em atividade bem específicas que servia mais como mola propulsora para o ensino dos outros tipos de letras. É finalmente, em meados dos anos 2000 que a letra imprensa maiúscula começa a ganhar força, sendo que em 2005 aparecem pela primeira vez em alguns cadernos que usam exclusivamente esse tipo de letra, nos anos seguintes isso vai ocorrendo com mais frequência até chegar nos anos 2010 com a ampliação do período de alfabetização. Com o ciclo de alfabetização especialmente com PNAIC 2012, no primeiro ano o tipo letra imprensa maiúscula acaba dominando os cadernos dos alunos. Sendo assim, no conjunto de cadernos do acervo do centro de memória da região sul vai se fortalecendo de maneira expressiva o uso da letra imprensa maiúscula. Diante disso, percebe-se que novamente os dados referentes ao tipo em questão demonstram estarem com conformidade com as documentações que ajudaram a compreender as discussões pautadas em quais letras deveriam estar presente no começo da escolarização, pois conforme foi apresentado em alguns documentos consultados a orientação era usar a letra imprensa maiúscula com as crianças que ingressavam na escola e assim manter até o momento em que elas estivessem se apropriado do sistema de escrita alfabética, essa orientação acabou sendo reforçada com a política pública do PNAIC que define o que deve ser “introduzido, aprofundado e consolidado” em cada ano do ciclo de alfabetização, do mesmo modo ela expõe que é importante que as crianças reconheçam os diferentes tipos de letras desde o primeiro ano. Por certo, havia tantas outras possibilidades de pensar os tipos de letras presentes nos cadernos dos alunos, no entanto optou-se nesta pesquisa por construir uma tipologia das letras com inspiração no conceito de cultura gráfica (PETRUCCI, 1986, 1999) para compreender como foi se estabelecendo em distintos tempos e espaços o ensino e uso de diferentes letras no começo do ensino escolar, com o intuito de compreender

as possíveis mudanças e permanências das letras no espaço escolar. Assim, diante de tudo que foi exposto, elucida-se que os cadernos de alunos relacionados à fase inicial de escolarização demonstram que o Rio Grande do Sul acompanhou e tem acompanhado as principais orientações sobre o uso de determinados tipos de letras pelas crianças que chegam ao espaço escolar. Finalmente, cabe registrar que este estudo propôs algo que ainda não havia sido apresentado até o determinado momento no campo acadêmico, ou seja, de construir uma tipologia das letras a partir dos cadernos de alunos de diferentes tempos e espaços do estado gaúcho.

PALAVRAS-CHAVE: Cadernos de Alunos. Letra Cursiva. Letra Imprensa Minúscula. Letra Imprensa Maiúscula. Permanências e Rupturas.

REFERÊNCIAS

BRASIL/MEC. Ministério da Educação. **Manual do pacto:** Pacto pela Alfabetização na Idade Certa: o Brasil do futuro com o começo que ele merece. Brasília/DF, 2012.

BRASIL/MEC. **Pró-Letramento:** Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem. – ed. rev. e ampl. incluindo SAEB/Prova Brasil matriz de referência/Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

CAGLIARI, G. M., CAGLIARI, L. C. **Diante das letras a escrita na alfabetização.** São Paulo/SP: Scipione, 1999.

CHARIER, R. **Os Desafios da Escrita.** Tradução de Fulvia M.L. Moretto. São Paulo/SP: Unesp, 2002.

CERTEAU, M. A. **Operação Historiográfica.** In: CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro/RJ: Forense-Universitária, 1982.

D'ÁVILA, A. **Práticas escolares** (De acordo com o programa de práticas de ensino do curso normal e com orientação do ensino primário). São Paulo/SP, 7ª ed, 1º volume: Melhoramentos, 1955.

FARIA FILHO, L. M. de. **Cultura e Prática Escolares:** escrita, aluno e corporeidade. In: Caderno de Pesquisa, n.103, mar, 1998.

FARIA FILHO, Luciano; VIDAL, Diana. **Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil.** In: Revista Brasileira de Educação. mai/jun/jul/ago Nº 14, 2000.

FERREIRO, E., TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre/RS: Artmed, 2007

FONTOURA, A. de A. (1963). **A escola viva Metodologia do ensino primário.** Rio de Janeiro/RJ, 9ª edição (3º volume): Aurora, 1963.

GVIRTZ, S. **El discurso escolar a través de los cuadernos de clase** Argentina

1930 - 1970. Buenos Aires/AR: Eudeba, 1996.

GROSSI, E. P. **Didática do nível pré-silábico**. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1990.

GROSSI, E. P. **Didática do nível silábico**. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1990.

GROSSI, E. P. **Didática do nível alfabético**. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1990.

HÉBRARD, J. **Por uma bibliografia material das escritas ordinárias** a escritura pessoal e seus suportes. In: Mignot, A. C.V; Bastos, M.H.C., Cunha, M.T.S. (Org.). *Refúgios do eu educação, história, escritas autobiográficas*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

MAGALHÃES, J. (2005). Escrita escolar e oficialização da escola Portuguesa. Comunicação apresentada no Congresso: **Cultura Escrita/VIII** Congresso Internacional Historia de la Cultura Escrita. Universidad de Alcalá, 5 a 8 de julio de 2005. Sección 3ª: Escrituras cotidianas em contextos educativos.

MORAIS, A. G. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo/SP: Melhoramentos, 2012.

PERES, E. O ensino da linguagem na escola pública primária gaúcha no período da renovação pedagógica (1930 - 1950). In: PERES; E., TAMBARA, E. (Org.). **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil** (séculos XIX - XX), Pelotas/RS: Seiva, 2003.

PETRUCCI, A. **La scrittura**. Ideologia e rappresentazione. Turin/IT: Einaudi, 1986.

PETRUCCI, A. **Alfabetismo, escritura, sociedad**. Barcelona/ES: Gedisa, 1999.

SANTOS, T. M. **Noções de práticas de ensino**. São Paulo, 3ª edição: Nacional, 1953.

SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo/SP: Contexto, 2016.

SOARES, M. **Aprender a escrever, ensinar a escrever**. In: ZACCUR, E. (org.). *A Magia da Linguagem*. Rio de Janeiro/RJ: DP&A: SEPE, 2001.

VIDAL, D. G., ESTEVES, I.L. Modelos caligráficos concorrentes: as prescrições para a escrita na escola primária paulista (1910-1940). In: PERES, E., TAMBARA, E. (org). **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil** (séculos XIX - XX), Pelotas/RS: Seiva, 2003.

VIDAL, Diana; GVIRTZ, Silvina. **O ensino da caligrafia e a conformação da modernidade escolar: Brasil e Argentina, 1880-1940**. *Revista Brasileira de Educação*, n. 8, mai./jun./jul./ago. 1998.

VIÑAO, A. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina (Org.). **Cadernos à vista**. Escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro/RJ: Ed. EdUERJ, 2008.